

RELATO DE EXPERIÊNCIA:
REGISTROS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA CULTURAL

Professor Arthur Müller
EE Friedrich Von Voith

No ano de 2004, trabalhei em um projeto social patrocinado pelo Instituto Pão de Açúcar de Desenvolvimento Humano. Eram aulas de atletismo e, ao final de cada aula, fazíamos uma roda de conversa com os alunos. A partir das discussões realizadas nessa roda, construíamos algum tipo de conhecimento, sempre a luz de valores norteadores da vida em sociedade. Esse projeto social visava a formação do cidadão crítico e atuante. No ano seguinte, em 2005, após realizar as rodas de conversas, percebi que os alunos tinham muita dificuldade em lembrar daquilo que era conversado, dificultando o andamento do próprio projeto. Resolvi então registrar as “atas” em cartolinas e deixar fixada na sala de aula. Isso surtiu um efeito muito positivo. Todas as nossas conversas e observações estavam escritas com letras grandes e fixadas em um local onde todos poderiam ler. Mas surgiu um problema: como fixar tantos cartazes se nosso espaço era limitado? A partir dessa necessidade, apoiado no livro “*A roda e o registro*”, de Cecília Warschauer, surgiu a ideia de termos um caderno de registros, ou seja, cada turma teria um caderno onde seria registrado todos os acontecimentos da aula de educação física, como se fosse um diário de anotações diária. Trocaríamos as paredes da sala de aula, pelas folhas do caderno. Devo dizer que no projeto social, esse caderno funcionou muito bem, até porque as crianças participavam por iniciativa própria o espaço se caracterizava de uma forma bem diferente àquela que encontramos na escola. Assim sendo, os alunos foram convidados a participar da construção dos conhecimentos que ali seriam registrados, deixando de ser meros expectadores, passando a atuar como protagonistas nesse processo. A consequência imediata foi a legitimação desses processos por parte dos alunos, uma vez que a construção pertencia a eles mesmo. Participando dessa concepção, a possibilidade de dar certo é muito grande. Nesse projeto, como o enfoque era a formação do cidadão, a maioria dos registros eram acerca de combinado e regras estabelecidas para minimizar conflitos. Fazíamos a discussão sobre nossa aula e, a partir dos pontos positivos e negativos, elencávamos as maiores dificuldades e porque elas aconteciam para posteriormente, elaborarmos alguma regra

ou algum combinado. Algumas vezes, utilizávamos algum texto que desse suporte às nossas discussões. Nem sempre o produto das rodas de conversas era uma regra de convivência. Depois que todos tomavam conhecimentos dos fatos, realizávamos as discussões, onde os alunos se posicionavam (como já dito, à luz de algum valor e com a ajuda de algum texto) para, em seguida, realizarmos o registro no caderno. Quando as aulas terminavam, cada grupo possuía seu próprio caderno com a história de cada um. No ano seguinte, comecei a aula em escola pública do estado de São Paulo, situada no bairro do Jaraguá próximo ao pico. A escola atende crianças do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Quando cheguei na escola, me deparei com práticas nas aulas de educação física baseadas nos esportes e na saúde. Sempre tive uma curiosidade muito grande em saber se daria certo em escola, porque, diferentemente do projeto, onde as crianças participavam por prazer, por vontade própria, na escola, as crianças deviam frequentá-la. No primeiro ano que dei aula na escola pública – 2006 – não foi possível trabalhar com esse tipo de registros por questões burocráticas da própria escola e por outros motivos alheios a minha vontade. Iniciei os registros no caderno de educação física no ano de 2009, com alunos de terceira e quarta série (atual quarto e quinto ano respectivamente). Realizando um mapeamento na comunidade onde a escola está situada, identifiquei que as crianças da região do Jardim Panamericano não têm o hábito de brincar aquelas brincadeiras tradicionais passadas de geração para geração. Muitos alunos conhecem as brincadeiras, saber descrevê-las, mas não conseguem realizar a prática. Conversando com os pais, com os alunos e com os professores, pude levantar algumas causas para esse fenômeno: falta de segurança e pais que precisam sair para trabalhar (deixando os filhos com vizinhos ou até mesmo sozinho – contrariando aquela ideia de que crianças de baixa renda/moradores de áreas mais afastadas, têm um repertório motor maior do que aquelas que estão em locais mais centralizados, com acessos mais facilitados às informações e serviços). Com essas informações, apoiado na perspectiva cultural, iniciei uma atividade diferente com os alunos, onde eles deveriam realizar as práticas dessas brincadeiras e em seguida, realizar uma releitura das mesmas, criando, em grupo, uma nova brincadeira. Essa brincadeira criada teria a autoria de cada sala e, portanto, se tornaria única, híbrida. Aula a aula, o registro se torna fundamental porque a partir dele, as crianças têm um material de consulta, arquivado, servindo para novas turmas realizarem seus significados, ressignificando aquilo realizado, de acordo com as necessidades locais dos grupos em questão, sem que haja qualquer tipo de imposição de uma cultura sobre outra. A partir do momento que os alunos percebem

que podem se posicionar, independentemente de questões de gênero, sexo, credo entre outros, legitimam sua cultura e conseqüentemente, suas identidades. Agora, não há mais a necessidade de se apropriar de uma cultura que seja estranha aquela da comunidade em questão para ser aceito ou respeitado. A partir da perspectiva cultural, toda cultura é legítima e importante. Convidar o aluno a participar da aula de educação física, sob o olhar de sua própria prática é construir a legitimação de sua cultura, portanto, utilizando as brincadeiras de rua (brincadeiras tradicionais, a partir da constatação da necessidade dos alunos), ressignificar essas práticas (a partir das necessidades de cada grupo, respeitando o posicionamento dos alunos. Torna-los efetivamente atores na construção de suas práticas a partir de suas culturas - legitimação), registrar essa nova prática (podemos chamar de híbrida) e oferecer essas novas leituras para novas turmas que farão outras tantas novas leituras. Aula a aula, o trabalho com os alunos foi proposto da seguinte forma:

Mapeamento da comunidade: levantamento do perfil da comunidade onde a escola se encontra. Com isso, pude constatar que as crianças, por restrição dos pais, pouco se encontram em ambientes fora da escola e por esse motivo, em grupo, elas não brincam.

Levantamento das brincadeiras conhecidas pelas crianças: cada turma elaborou uma lista de brincadeiras que conheciam. Essa lista foi registrada.

Práticas das brincadeiras listadas: essa etapa do processo permitiu que os alunos conhecessem as brincadeiras que haviam listado. Nesse momento, realizamos a prática a partir das regras que os alunos pesquisaram. Quando a mesma brincadeira tinha regras diferentes, realizávamos com as duas. Como já dito, nesse momento, a prática das brincadeiras era o objetivo.

Relatos: para essa etapa, foram convidadas algumas pessoas para vir conversar com as crianças sobre as brincadeiras, como elas faziam, como se dividiam, quando as brincadeiras terminavam, como eles combinavam as regras, etc. A merendeira da escola, uma das pessoas mais antigas que trabalham na escola, foi convidada para conversar com os alunos. Fizemos uma roda de conversa. As crianças elaboraram algumas perguntas, respondidas pela Dona Cida. Ao final, as crianças realizaram o registro sobre esses momentos.

Ampliação da pesquisa: aproveitando o tema da feira cultural de 2011, pesquisamos sobre as brincadeiras tradicionais realizadas em outros estados do Brasil. Para surpresa dos alunos, muitas brincadeiras que realizamos em São Paulo são feitas de forma diferente em outros locais por causa das condições desses lugares. Um exemplo é o esconde esconde que, segundo as pesquisas dos alunos, é uma brincadeira muito realizada no norte do Brasil. Lá, essa brincadeira se chama “brinquedo de esconder” e funciona da seguinte forma: *Uma criança encosta-se em um muro de olhos fechado. As outras formam uma fila, dão uma palmada nesse que está “batendo cara”, cantando:*

*MARIA MACUNDÊ
BATE NO (nome do aluno)
E VAI SE ESCONDER*

Todos se escondem. Quando a Maria Macundê encontrar alguém, deve dizer “ESTICA TICA” e a criança encontrada a substitui. Os alunos, posteriormente, questionaram a merendeira a respeito dessa brincadeira, porque a Dina Cida é natural do estado do Pará e nova roda de conversa foi marcada. Nessa nova roda de conversa, os alunos identificaram o passa anel, o cabo de guerra e a amarelinha. Essas brincadeiras tinham as regras bem parecidas com as que praticamos na escola.

Releitura das brincadeiras: em pequenos grupos, os alunos realizaram a releitura das brincadeiras elencadas (lista das brincadeiras feitas no segundo momento). Nesse momento, as crianças deveriam modificar as regras que julgassem necessário para criarem uma nova brincadeira a partir daquela que já existe. Cada grupo realizou o registro de sua brincadeira. As crianças poderiam utilizar elementos das pesquisas realizadas, caso desejassem.

Prática das brincadeiras: cada grupo ficou responsável em explicar e por a nova brincadeira para “funcionar”. Todas as brincadeiras foram realizadas. Em seguida, realizamos o registro das brincadeiras, arquivando como um livro. Esse livro foi impresso, encapado e deixado a disposição na biblioteca da escola.

Pontos Positivos:

- analisar o contexto que se dá determinadas práticas, incluindo as brincadeiras. Porquê certas brincadeiras são realizadas de formas diferentes em diferentes locais.
- analisar porque determinadas práticas se sobrepõe em detrimentos de outras.
- permitir que os alunos que se posicionem, sem que a questão de gênero, social, orientação sexual, religiosa seja levada em consideração ou que esteja acima de qualquer análise sobre as práticas.
- construção coletiva das novas brincadeiras, onde os alunos trazem suas contribuições para o grupo, independentemente de quem sejam ou de onde venham.
- registro das atividades no caderno de registro, criando assim, um acervo cultural que proporcionará a outras turmas, e a eles mesmo, a possibilidade de consulta e, por que não, novas releituras (se for necessário para essa nova turma)
- a partir desses entendimentos e das trocas com pessoas de diferentes culturas, as crianças percebem que a padronização e a homogeneização não atendem às necessidades da maioria, mas uma pequena parcela de pessoas e que a aula de educação física pode ser vista como um espaço de respeito às diferenças.

Pontos Negativos:

- a educação física ainda é vista como área prática. Pesquisa, registro, leitura e roda de conversa são temas que estão desvinculados com a aula de educação física. Propor uma atividade nova, que vai de encontro aos interesses de alguns poucos que dominam os currículos é uma tarefa bem difícil.
- os currículos de educação física do Estado de São Paulo são baseados na prática esportiva e na educação física para a saúde. Trabalhar com a perspectiva cultural, o registro e, ainda por cima, legitimar culturas historicamente oprimidas é ir contra aquilo que é proposto (imposto??) pela secretaria de educação.

Palavras Chave: cultura corporal. hibridismo. legitimação

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Candau, V. M. “Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica” in Moreira, A. F.; Candau, V. M. (Orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis. Vozes. 2008

Freire, P. Pedagogia da autonomia. Saberes práticos à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. 28ª edição. 2003.

García Canclini, N. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo. EDUSP. 2003.

Giroux, H.; Simon, R. “Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento” in Moreira, A. F. B.; Silva, T. T. Currículo, cultura e sociedade. São Paulo. Cortez. 2005.

Neira, M. G. Educação Física. São Paulo. Blucher, (Coleção: A reflexão e a prática do ensino; v.8). 2008.

Neira, M. G.; Nunes, M.L.F. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo. Phorte. 2009.

Neira, M. G; Nunes, M.L.F. Pedagogia da cultura corporal. Críticas a alternativas. São Paulo. Phorte. 2006.

Patto, M.H.S. A produção do fracasso escolar. Histórias de submissão e rebeldia. São Paulo. Casa do Pedagogo. 2010.

Saviani, D. Escola e democracia. Campinas. Autores Associados. 1999.

Silva, T. T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte. Autêntica. 2011

Silva, T. T. O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte. Autêntica. 2010. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2ª edição. 1997.

Warschauer, C. A roda e o registro. Uma parceria entre o professor, alunos e conhecimento.